

## REFLEXÕES SOBRE O ADOLESCER DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

*João Roberto de Souza-Silva*

RESUMO: Este artigo visa refletir sobre o adolescer da pessoa com deficiência física com foco no luto pelo corpo e papel infantil, na busca para estabelecer sua identidade no mundo adulto. Na adolescência na busca de se estabelecer identidade, o grupo independente da pessoa ter ou não deficiência passa a ter uma grande importância. O fato de o adolescente ter que conquistar sua identidade, na condição de pessoa com deficiência isto pode ser ainda mais complicado, porque embora ele ainda não tenha uma identidade formada, ele já trás consigo algo que não pode modificar que é sua deficiência e com ela alguma incapacidade e desvantagem.

*Palavras-chave:* adolescência; pessoa com deficiência; deficiência; incapacidade; desvantagem.

Afirmar que a adolescência é uma fase de instabilidades extremas praticamente é um lugar comum para profissionais da saúde e educação. Assim faz-se necessário discutir este período tão turbulento do desenvolvimento humano marcado pelas transformações físicas e psicológicas, também, nas pessoas com deficiência. Como pensar esta fase marcada por lutos, nas pessoas que trazem no seu corpo diferenças significativas, as quais por elas são percebidas e vivenciadas desde início da sua socialização como um luto constante pela perda da estrutura e função de parte do corpo.

Deficiência, segundo a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde – CIF, (2003) são perdas, ou importantes desvios nas funções e estruturas do corpo.

De acordo com Ferreira *et. al.* (2007) a adolescência pode ser compreendida como uma categoria sociocultural constituída historicamente que abrange uma dimensão bio-psico-social. Nesta etapa, para Aberastury e Knobel (1992) o adolescente deve ser desprender do mundo infantil para entrar no mundo adulto.

O adolecer de pessoas com deficiência é um tema pouco abordado na literatura (BEZERRA, PAGLIUCA; 2010), assim este artigo visa refletir sobre o adolecer das pessoas com deficiência física com foco no luto pelo corpo infantil e papel infantil. Utilizou-se como referencial para adolescência Arminda Aberastury e Mauricio Knobel, e para ilustrar situações da adolescência da pessoa com deficiência textos da Ligia Assumpção Amaral\* do seu livro *Resgatando o passado: deficiência como figura e vida como fundo*.

O luto pelo corpo infantil, de acordo com Aberastury e Knobel (1992, p.10) é “a base biológica da adolescência, que se impõe ao individuo que não poucas vezes tem que sentir suas mudanças como algo externo, frente ao qual se encontra como expectador impotente com o que ocorre em seu organismo”. O luto pelo papel infantil decorre de uma “renúncia da dependência e uma aceitação de responsabilidade que muitas vezes desconhece” (ABERASTURY e KNOBEL 1992, p.10).

Esta mudança biológica vivenciada no próprio corpo carrega em si seu aspecto dialético, pois à medida que o corpo começa a assumir formas de um corpo adulto, também surge à insegurança de ter que se adaptar dentro deste novo e desconhecido corpo que terá que enfrentar também uma nova realidade, o mundo dos adultos, para o qual ainda não está totalmente preparado. Na pessoa com deficiência este momento pode ser vivido com uma fase de muita angústia, uma vez que anteriormente ela já teve que se adaptar ao seu corpo, e ao meio.

“Existia um momento solene na vida das meninas da minha geração: substituir o sapato baixo, boneca ou de amarrar, pelo salto alto.

Sinal exterior da passagem menina-para-mulher junto com duas alças aparecendo através do tecido da blusa, atestado de que havia um *soutien* além da combinação.

Momentos guardados ansiosamente.

O problema do *soutien* eu resolvi usando duas combinações: ali estavam duas alças de cada lado para quem duvidasse.

Mas eis-me frente a frente com a impossibilidade de driblar a outra questão. Não se tratava de não ter ainda os sapatos, claro. Tratava-se de não poder vir a usá-los nunca.” (AMARAL, 2004, p.75)

Este trecho intitulado “Salto alto”, deixa bem claro a vivência do luto do corpo infantil, e o sofrimento trazido por nunca poder usar tais sapatos. A pessoa com deficiência, além de ter que lidar com a própria deficiência em si, deve lidar com a incapacidade e desvantagem conseqüências dela.

“Incapacidade corresponde a qualquer redução ou falta ( resultante de uma deficiência) de capacidades para exercer uma atividade de forma ou dentro dos limites considerados normais para um ser humano.

Desvantagem (*Handicap*) representa um impedimento sofrido por um dado individuo, resultante de uma deficiência ou incapacidade, que lhe limita ou impede o desempenho de uma atividade considerada normal para este individuo, tendo em atenção a idade, o sexo e os fatores sócio-culturais” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 1989, p.37)

A incapacidade porque devido à deficiência poliomielite não há como usar sapato alto devido a uma questão estrutural do órgão, e a desvantagem, pois sendo o sapato alto um dos símbolos da passagem de menina para mulher, este tem nele embutido a questão do gênero, idade e função sócio-cultural, ganhando, assim, então, características de rito de passagem, pois marca o início da entrada no mundo dos adultos.

A adolescência é período de busca de identidade, podendo o adolescente se apresentar aos pais e ao mundo como sendo vários personagens que podem ser versões totalmente

contraditórias sobre o que ele é de fato (ABERASTURY e KNOBEL 1992). Assim, enquanto para o adolescente sem deficiência é possível vivenciar vários papéis, o adolescente com deficiência assumira sempre o mesmo papel – o de pessoa com deficiência, pois segundo Amaral (2004, p.45) “não é estar errado ou diferente – é ser errado, ser diferente. Não é uma questão de estado, é uma questão de existência”.

A busca de identidade na adolescência, não deve ser entendido somente como uma preparação para a vida adulta, mas como uma etapa fundamental do desenvolvimento. Para a definição de si-mesmo, o corpo e o esquema corporal são variáveis fundamentais, pois o esquema corporal é a representação mental que o sujeito tem do seu próprio corpo, o qual resulta de suas experiências durante o processo de desenvolvimento, sendo, então, de fundamental importância o luto com relação ao corpo infantil, obrigando, então, a uma modificação de todo esquema corporal (KNOBEL, 1992). Assim à medida que o corpo do adolescente amadurece, a sua auto-imagem também muda, uma vez que as mudanças no seu corpo mudam também sua identidade (ABERASTURY e KNOBEL 1992).

“A sensação é mais ou menos de estar completamente vestido à beira mar, de entrar num velório e não conhecer ninguém, nem mesmo o morto; de falar português em Tóquio (...)

As pessoas têm pés e pernas que se movem e as movem; que se encolhem, estendem, flexionam; que fazem papel de mediadores entre o desejo e o ato de andar, correr, saltar e – até mesmo – parar.

Não ter as pernas, ou tê-las semi ou totalmente paralisadas, é ser diferente e é também ser errado. Pernas e movimento são duas faces da mesma moeda”. (AMARAL, 2004, p.45)

Para Knobel (1992) esta assimilação de si mesmo possibilita ao adolescente se integrar ao mundo e desenvolver concepções sobre o mundo, pessoas, instituições e vai assimilando os valores que constituem o meio social. Assim, o adolescente com deficiência, pode ser perceber e ser percebido como desviante, já que o mesmo possui uma diferença significativa.

“Talvez, 1956. Quinze anos de idade. (...) O salão de festas fervilhando no baile de formatura da amiga (...) Começo da noite, olhares exploratórios (...) Sentada, a expectativa de ser tirada pra dançar (...) expectativa muito mais dirigida para os rostos novos, os desconhecidos e, quem sabe, misteriosos galãs de olhos verdes.

De repente, acontece: ali este ele, inclinando sobre mim: - Vamos dançar? (...) Estamos bem no meio do salão.

- Você dança tão bem. É suave como uma pluma.

- Você nem imagina o quanto me custou aprender (..) tive paralisia infantil

- Não acredito.

- Pois então veja.

Risonha e feliz, levanto um pouco a longa saia mostrando o que, naquele momento, me parecia um troféu: as minhas botas.

Os olhos dele se arregalam, titubeia, gagueja, afasta as mãos de mim, vira de costas e me deixa ali plantada no meio do salão (...)” (AMARAL, 2004, p.56)

O diferente representa a assimetria, o desequilíbrio e as disfunções assim sua diferença ameaça as bases de existência do outro (AMARAL, 1994), pois o contato com o outro representa tomar consciência das próprias imperfeições e limitações. A adolescência, para Knobel (1992), uma fase de muitas identificações e pouca identidade, de forma tal forma que o sujeito busca segurança e estima pessoal dentro do grupo.

Segundo Knobel (1992) o fenômeno grupal na adolescência adquire grande importância, pois este transfere ao grupo parte da dependência que antes tinha da estrutura familiar. Esta identificação mútua entre os adolescentes de um mesmo grupo ocorre de tal forma que “há

um processo de superidentificação em massa, onde todos se identificam com cada um” (KNOBEL, 1992, p.36)

Sendo a pessoa com deficiência, um exemplo de estereótipo do desvio, ele traz em si a diferença significativa, fato este que pode muitas vezes impedir que ela realmente faça parte do grupo.

“O teatro quase vem abaixo ao som dos aplausos (...) Saio do meu lugar, desço alguns degraus (...) As palmas ecoam num crescendo de tímidas a entusiasmadas resultando num vibrante e ensurdecido aplauso (...) Sinto-me orgulhosa, feliz e muito amada.

Assim eu me recordava da noite de minha formatura do curso Clássico, noite em que recebi – além do certificado – um prêmio de amiga. Alias, recebemos: eu, o Ruy e o Zé Eduardo.

Hoje vindo para a PUC, vinte e cinco anos depois (...) É como se um clarão iluminasse com luz as minhas lembranças. Pois eis que me dou conta de que éramos os três escolhidos: eu, um anão e um negro”. (AMARAL, 2004, p.59)

As reflexões feitas sobre o adolecer da pessoa com deficiência possibilitam trazer a tona questões que vão além dos aspectos psicodinâmicos, pois discutir esta fase conturbada do desenvolvimento dentro da condição de pessoa com deficiência e esbarrar em questões atitudinais, de preconceito, estigma e estereótipo.

Na adolescência, o luto pelo corpo infantil e papel infantil na busca de se estabelecer identidade e para isso a importância do grupo independente da pessoa ter ou não deficiência acontece com grande intensidade. Isso porque adolecer é um processo de reestruturações permanentes externas e internas que são vividas como intrusões dentro de um equilíbrio conquistado na infância, obrigando, assim, o adolescente conquistar sua identidade (KNOBEL, 1992)

O fato de o adolescente ter que conquistar sua identidade, na condição de pessoa com deficiência isto pode ser ainda mais complicado, porque embora ele ainda não tenha uma identidade formada, ele já trás consigo algo que não pode modificar que é sua deficiência e com ela alguma incapacidade e desvantagem.

## REFERÊNCIAS<sup>1</sup>

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M.; **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

AMARAL, L. A.; **Pensar a diferença/deficiência**. Brasília: Corde, 1994

AMARAL, L. A.;. **Resgatando o passado**: deficiência como figura e vida como fundo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BEZERRA, C. P.; PAGLIUCA, L. M. F. **A vivência da sexualidade por adolescentes portadoras de deficiência visual**. *Rev Esc Enferm USP*. São Paulo, v.44, n.3, p.578-83, 2010.

FERREIRA, M.A.; ALVIM, N. A. T.; TEIXEIRA, M.L.O., VELOSO, R.C.; **Saberes de adolescentes: estilo de vida e cuidado à saúde**. *Texto Contexto Enferm*. Florianópolis, v.16, n.2, p. 217-24, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação Internacional das Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (Handicaps)**: um manual de classificação das conseqüências das doenças. Lisboa: Secretaria Nacional de Reabilitação, 1989.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**. São Paulo: Edusp; 2003.

---

<sup>1</sup> Nota de rodapé: \*Ligia Assumpção Amaral foi professora de psicologia da USP e desenvolveu estudos sobre as deficiências sobre a questão da atitude, do preconceito, do estigma e do estereotipo no trato com as diferenças e quando ainda bebê teve poliomielite.